

# Desinformação e atoleiro oficial

GOVERNO REVELA PROPENSÃO DE DESVIAR-SE DA POLÍTICA ECONÔMICA TRAÇADA, BUSCAR ATALHO E AMPLIAR INCERTEZA

DIONÍSIO DIAS CARNEIRO

**D**ependendo de onde você se situa na sociedade, a economia brasileira vai piorar muito ou melhorar muito nos próximos meses. Esta não deve ser vista como uma proposição sobre o agravamento das desigualdades econômicas, mas, na realidade, pretende ser uma proposição acerca da natureza do ambiente que é relevante para o cidadão, em seu dia a dia. Se você for trabalhador, seu salário real está diminuindo e vai cair mais antes de poder melhorar; seu emprego está mais menos arriscado hoje se você for empregado de uma indústria com

## **Retomada do crescimento virá pela exportação e recuperação da confiança no futuro**

chances de exportar e, se está desempregado, tem mais chance de encontrar vaga em uma empresa exportadora; se você tem ativos em dólar, vai perder riqueza; se for um novo investidor que estava a ponto de desistir do Brasil, haverá razões para estar mais otimista; e assim por diante.

Uma característica das sociedades modernas é a natureza das incertezas que formam a paisagem econômica e social, sobre a qual o cidadão atende a suas necessidades presentes e prepara-se para o futuro. No que John Galbraith denominou a "era da incerteza" em uma série de TV que virou livro, o mau uso da informação disponível para melhorar a visão sobre o futuro é também um grande fator de infelicidade pessoal, má saúde física e mental, desperdício econômico e tensão social.

Em tempos de mudanças radicais de ambiente, piora a qualidade da informação e da

interpretação disponível, aumenta o espaço para a vigiarce no uso oportuno da desinformação, seja para obter ganhos econômicos, seja para obter ganhos políticos. A diferença entre especuladores e manipuladores é pertinente tanto nos mercados, quanto na indústria da comunicação social. Nada mais parecido com uma mesa de operações de um banco do que uma redação de jornal. Com uma diferença: nas mesas, o passado prolonga-se nos saldos de transação; nas

redações começa-se, no dia seguinte, (quase) tudo de novo. Ambos contribuem para diminuir a assimetria de informação, quando funcionam de forma

apropriada, sem manipulação.

A causa imediata para a grande desigualdade de sensações quanto ao que está para vir na economia são as mudanças de preços relativos, que envolvem severas perdas potenciais de rendas reais e de riqueza, resultantes da mudança no regime cambial. Essa desigualdade de sofrimento é ainda tornada pior, quando a informação é trabalhada com o cuidado e o empenho de quem trabalha o ferro: aquece, bate, tempera e torce até que seja produzida uma forma adequada. Não há remédio para isso, a não ser a liberdade de expressão, a responsabilidade pela opinião emitida, a criação de um ambiente no qual prevaleça a ética da informação sobre o ganho imediato com a distorção.

No caso presente, estamos vivendo um contraste entre o agravamento das condições objetivas de preços, emprego,

renda dos trabalhadores e aposentados, incerteza dos poupadores, assimilação de perdas de riqueza dos rentistas, ao mesmo tempo em que os horizontes se aclaram para os investidores, à medida que se encerram alguns episódios importantes para o futuro. Definida a posição do Banco Central com respeito ao câmbio, do governo da União com respeito ao superávit fiscal, ao tratamento a ser dado às relações financeiras com os Estados e às privatizações, há uma boa chance de que boas notícias sobre o futuro da economia brasileira convivam com péssimas notícias sobre o presente. O otimismo dos analistas que estiveram excessivamente pessimistas nos últimos três meses, quando chegaram a ganhar foros de respeitabilidade os cenários de calotes e confisco, poderá surpreender a muitos como prova cabal de leviandade dos mercados financeiros. A informação, que é a matéria-prima das decisões financeiras, entretanto, é volátil por essência, pois se refere ao futuro, mesmo a um futuro que jamais ocorra, muitas vezes em consequência do cenário que foi antecipado.

A diferença entre os discursos do novo e do antigo presidente do Banco Central revelou as diferentes preocupações. O presidente que sai enfatiza a necessidade de resgatar a paisagem da estabilidade que ajudou a construir e se tornou inviável por falta de financiamento. Há um retardo na percepção, por parte da sociedade, de que essa paisagem já está no passado e não foi ameaçada pela mudança de regime, mas sim quando se esvaiu o crédito de confiança na condução da política econômica que o governo recebeu, com o acordo com o FMI, que foi desper-

diçado, em parte, em discussões de aventuras. O presidente que assume, Armínio Fraga, tem de empenhar-se, como tem feito, na construção do possível sob circunstâncias novas, mas não necessariamente adversas. A reconstrução de um ambiente favorável ao crescimento depende, hoje, do sucesso da flutuação cambial em produzir uma desvalorização em termos reais da ordem de 20%, com pouco aumento de preços. Este governo tem revelado, entretanto, uma notável propensão para desviar-se da estrada traçada para a política econômica e, ao menor sinal de aplauso, buscar um atalho que costuma levar a um atoleiro de ambigüidades onde viceja a desinformação. Como um jipe de recreio, tem-se saído bem dos atoleiros em que se tem metido, mas a cada vez lançam-se novas dúvidas sobre o futuro da economia. Caso consiga resistir a essa tentação quando melhorar o horizonte que andava dominado pelos cenários de moratória interna e externa, a inflação estará mais uma vez dominada e o caminho aberto para o retorno do financiamento ao comércio exterior, que é essencial para a recuperação das contas externas. A retomada do crescimento virá pela via das exportações e pela recuperação da confiança no futuro, da parte dos que tocam os projetos de investimento, paralisados pela onda de incerteza dos últimos meses. Alguns poderão ficar assustados com a onda de más estatísticas econômicas que vamos digerir nos próximos dois meses, mas, como sabemos, o futuro é que comanda o espetáculo econômico, apesar de ser este um escravo da história.

■ Dionísio Dias Carneiro é professor do Departamento de Economia da PUC-Rio